

## MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE LETRAMENTOS DESCONTÍNUOS DE IDOSOS

Jeferson Mundim de SOUZA

*UFBA – Universidade Federal da Bahia*

**Resumo:** O presente artigo apresenta os resultados da pesquisa em que são estudadas as memórias e narrativas de letramentos descontínuos de idosos em sua formação em leitura, escrita e identidade na vida de homens e mulheres idosos, na faixa etária de 60 a 100 anos, no Município de São Francisco do Conde (BA). Trata-se de pessoas que tiveram acesso a algum tipo de letramento, mesmo sem terem tido contato com os bancos escolares formais, ou ainda, que os frequentaram com determinadas discontinuidades, evidenciando e compreendendo seus percursos formativos e as práticas sociais de letramentos do contexto sociocultural da comunidade em diálogo, que mesmo tendo formação escolar descontínua, colaboraram para sua (in) visibilidade junto a sua comunidade. Registros e interações entre os atores sociais nos espaços por onde transitam, narrando os processos de interação desses participantes, seus acessos à leitura e à escrita, analisando como acontece a construção dessas memórias. Narrativas que revelam a natureza qualitativo-etnográfica conjugada com a história oral e de vida, em uso dos depoimentos pessoais, que foram utilizados para captar o intercruzamento das memórias e letramentos da história dos idosos com a memória e a construção da identidade pessoal. Entrevistas semiestruturadas, narrativas pessoais de quem deseja tão somente sentir-se parte de uma comunidade que lê, escreve e vê a vida a partir da lógica letrada, mas que não ignoram os múltiplos saberes construídos e consolidados que demarcam nossa sociedade, revelando vozes antes silenciadas e que agora se apresentam como participantes legítimos desses mesmos espaços e lugares de fala.

**Palavras-Chave:** Memórias; Letramentos Descontínuos; Leitura; Identidade; Narrativas.

## MEMORIES AND NARRATIVES OF DISCONTINUOUS LITERATURE OF THE ELDERLY

**Abstract:** This article presents the results of research in which the memories and narratives of discontinuous literacies of elderly people in their training in reading, writing and identity in the lives of elderly men and women, aged between 60 and 100 years, in the Municipality of San Francisco do Conde (BA). These are people who had access to some type of literacy, even without having had contact with formal school banks, or even, who attended them with certain discontinuities, showing and understanding their formative paths and the social practices of literacy in the sociocultural context of the community in dialogue, who, despite having discontinuous school training, collaborated for their (in) visibility in their community. Records and interactions between social actors in the spaces where they transit, narrating the interaction processes of these participants, their access to reading and writing, analyzing how these memories are constructed. Narratives that reveal the qualitative-ethnographic nature combined with oral and life history, using personal testimonies, which were used to capture the intersection of memories and literacies from the history of the elderly with memory and the

construction of personal identity. Semi-structured interviews, personal narratives of those who just want to feel part of a community that reads, writes and sees life from a literate logic, but that does not ignore the multiple constructed and consolidated knowledge that demarcates our society, revealing previously silenced voices and who now present themselves as legitimate participants in these same spaces and places of speech.

**Keywords:** Memoirs; Discontinuous Literacies; Reading; Identity; Narratives.

## MEMORIAS Y NARRATIVAS DE LITERACIDADES DISCONTINUOS DE ANCIANOS

**Resumen:** Este artículo presenta los resultados de una investigación en la que se analizan las memorias y narrativas de literacidades discontinuas de adultos mayores en su formación en lectura, escritura e identidad en la vida de adultos mayores y ancianas, con edades entre 60 y 100 años, en el Municipio de San Francisco do Conde (BA). Se trata de personas que tuvieron acceso a algún tipo de literacidad, aún sin haber tenido contacto con los bancos escolares formales, o incluso, que los asistieron con ciertas discontinuidades, mostrando y comprendiendo sus caminos formativos y las prácticas sociales de literacidad en el contexto sociocultural de la comunidad en diálogo, quienes, a pesar de tener una formación escolar discontinua, colaboraron para su (in)visibilización en su comunidad. Registros e interacciones entre actores sociales en los espacios por donde transitan, narrando los procesos de interacción de estos participantes, su acceso a la lectura y escritura, analizando cómo se construyen estas memorias. Narrativas que revelan el carácter cualitativo-etnográfico combinado con la oralidad y la historia de vida, a partir de testimonios personales, que sirvieron para captar el cruce de memorias y literacidades a partir de la historia del anciano con la memoria y la construcción de la identidad personal. Entrevistas semiestructuradas, relatos personales de quienes solo quieren sentirse parte de una comunidad que lee, escribe y ve la vida desde una lógica letrada, pero que no ignora los múltiples saberes construidos y consolidados que delimitan nuestra sociedad, revelando voces previamente silenciadas y que ahora se presentan como legítimos participantes en estos mismos espacios y lugares de habla.

**Palabras Clave:** Memorias; Literacidades Discontinuas; Lectura; Identidad; Narrativas.

### INTRODUÇÃO

As memórias e narrativas de letramentos descontínuos de idosos nascem com um narrador em primeira pessoa e com personagens de 60 a 100 anos de idade, autodeclaradas negras, no Município de São Francisco do Conde (BA), em um tempo não cronológico que irá narrar sobre os eventos culturais e de letramentos nas histórias de vidas de mulheres e homens idosos, que será introduzida a partir da contação de histórias de vida.

Essas histórias têm como enredo o acesso à memória, à leitura e à escrita, seus percursos culturais e formativos de letramentos, em contraposição a cenários não favoráveis ao seu aprendizado, descrevendo, por meio de narrativas orais metodológicas, essas histórias que foram registradas com objetivos de dar a conhecer esses percursos.

O ponto alto dessas histórias está nas riquezas das memórias e narrativas ressignificadas pelos próprios personagens, que descrevem suas lembranças, enchendo-se de sentimentos que vão revelar sofrimentos, lutas, reexistências<sup>1</sup>, esperanças e muitas vitórias. São elementos narrativos que dão conta de suas experiências pessoais, sociais, culturais, históricas e desfechos sobre cada enfrentamento vivido.

Os resultados dessas narrativas são lutas de reexistência histórica afrodescendente identitária e de lutas por reexistência à cultura eurocêntrica, bem como aprendizados que se narram por meio de memórias que revisitam o passado, trazendo para o presente, perspectivas de dias melhores e aprendizados contínuos dos idosos deste artigo, tornando-os visíveis a cada dia.

O recorte e interesse pelo tema recaem sobre o ensino e aprendizado que percorreu parte da ancestralidade ali presente. Um misto de memórias de como a cidade se mantinha diante das políticas públicas até o resgate das memórias e narrativas que são dadas a conhecer a uma parte silenciada da população de São Francisco do Conde, mantendo suas culturas e características de um povo que luta e resiste sempre.

Os colaboradores deste estudo, seis mulheres e dois homens idosos, e a maior parte de suas histórias aqui rememoradas situam-se em São Francisco do Conde, município localizado no Recôncavo Baiano, na microrregião de Salvador que concentra cerca de 90% da indústria de transformação do Estado. Está a cerca de 70 quilômetros da capital baiana.

De posse desses novos conhecimentos e das experiências acumuladas em encontros de eventos de letramentos, busquei traçar alguns objetivos que seriam favoráveis a evidenciar, a partir das trajetórias de vida dos idosos, seus percursos formativos e os eventos vivenciados no contexto sociocultural da comunidade em diálogo com as práticas culturais de letramentos, pois eram muitos os elementos que colaboravam para isso. Ver nas tradições culturais e ancestrais a possibilidade de rememorar-las através desses idosos, que juntos

---

<sup>1</sup> O uso da categoria “reexistência” requer tomar por base, numa perspectiva sócio-histórica, aspectos da visão bakhtiniana de linguagem, bem como as abordagens sobre letramentos múltiplos e heterogêneos (Kleiman, 1995; Barton; Hamilton; Ivanic, 2000; Rojo, 2009; Souza, 2009, 2011)

ensinavam e aprendiam, rememorando seu acesso aos letramentos formais descontínuos, passando seus conhecimentos na hora de construir o roteiro de como seria essa ou aquela celebração, dava em mim mais impulso para querer seguir descobrindo mais memórias.

A princípio eu tinha a notícia de ser um grupo de pessoas idosas, consideradas “iletradas” em sua maioria, segundo relatos da comunidade local, que traziam consigo a descrição de histórias com marcas de uma formação escolar descontínua, por meio de algumas narrativas que serão apresentadas neste artigo.

Muitos episódios de letramentos serviram como laboratório para minhas observações, análises e registros, reuniões da comunidade que definiam as festas populares e religiosas; as atividades manuais e artesanais das senhoras, que enquanto teciam ou cozinhavam, relatavam suas histórias ou narrativas ancestrais de seus antepassados, revelando saberes e sabores letrados que chamavam minha atenção. Suas formas de conduzir a canção, o passo, às lembranças da receita de Maria de Benzé<sup>2</sup> eram ricas de observações etnográficas. Entretanto, minha presença ali conduzia para objetivos que desejavam conhecer e posteriormente divulgar as memórias, as narrativas e os eventos de letramentos descontínuos desses idosos em seus *modus vivendi*.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

De muitas abordagens teóricas que foram lidas e discutidas ao longo da caminhada, não posso deixar de anunciar que três estudos foram especialmente importantes para este trabalho. O primeiro deles, o letramento como uma prática social de uso da leitura e da escrita, na perspectiva de seus usos e na aplicabilidade social e política, portanto, ideológico (Graff, 1991; Green, 2001; Kleiman, 1996; Luke, 1996; Scribner; Cole, 1981; Street, 2003, 2001, 1995, 1984), havendo possibilidades para novas visões do letramento, situando a leitura e a escrita em seus contextos sociais (Barton, 1994) e à luz dessa ideia, reconhecer, entre outros aspectos, que não há apenas um letramento e sim letramentos (Street, 2003, 2001, 1995, 1984; McKay, 2001, 1993; Gee, 2000; Hamilton; Barton; Ivanic, 1993; Rojo, 2001b; 2004; Marcuschi, 2001 etc.).

---

<sup>2</sup> Personagem emblemática da sociedade franciscana, que deixou um legado de conhecimento e reconhecimento ancestral, marcando sua identidade cultural, através de seu saber culinário.

O segundo campo diz respeito à cultura que representa um conjunto de valores ou significados compartilhados, sendo a base fundamental da linguagem como processo de significação, como sistema de representação, ressaltando o caráter público e social da linguagem que não pode ser um jogo inteiramente privado (Hall, 2016); é contexto, onde esses fatos, comportamentos, instituições, etc., podem ser descritos de forma inteligível, com densidade (Geertz, 1989); aprender culturas significa aprender normas, valores e costumes, aquilo que se realiza, unicamente, no contato com o outro, porque, isolado, ninguém pode aprender aquilo que se constrói socialmente. Daí que somente formamos ou construímos nossas identidades no diálogo com outras pessoas e outras culturas (Paraquett, 2010).

E não menos importante, o terceiro, a identidade que indica a cultura à qual os idosos estão inseridos, compartilhando com outros membros do grupo suas tradições, crenças, preferências, narrativas e eventos de letramentos, determinando fatores da identidade que reforçam suas histórias pessoais ancestrais, seu lugar de fala, sua etnia e saberes construídos. O conhecimento do passado, socializado por meio dos relatos dos mais velhos aos mais jovens, é um fator importante na construção e reafirmação da identidade coletiva no presente (Rosaldo, 1980).

Os idosos aqui representados apresentam a construção identitária que é um processo determinado e dinâmico que ocorre com o indivíduo durante toda a sua vida e o determina com expressão e interação com o mundo. Essa identidade é um processo de constante metamorfose, pois o ser humano como um ser ativo está em permanente transformação, em um processo não linear em que os fenômenos são considerados e analisados em seus movimentos recíprocos e contínuos de interação (Ciampa, 2011). Ainda, a identidade de um indivíduo é construída na relação com os diversos grupos de pertencimento, ou seja, a identidade encontra-se apoiada nos grupos ao qual o indivíduo pertence e nas relações que vai produzindo e efetivando ao longo do tempo (Campedelli, 2009). Desse modo, não é possível pensar o conceito de identidade sem pensar na sua relação com a memória. Da constituição de nossa identidade, de qual material somos constituídos, o nosso DNA biológico e cultural que pode ser inventariado pela memória.

Portanto, em nosso artigo é possível encontrar, nas narrativas rememoradas, os três pilares que envolvem o letramento, a cultura e a identidade, que entre narrativas e memórias das experiências de vida serão dialogadas com as práticas, narrativas e eventos culturais de letramentos descontínuos, permitindo ao leitor perceber a grande contribuição para estes campos da pesquisa, principalmente para os estudos de grupos antes negligenciados, a

exemplo das comunidades que demarcam a cidade de São Francisco do Conde, inserida em um contexto de lutas por disputas de espaços de fala, memórias e conquistas celebradas a cada batalha vencida, seguem reexistindo, lutando e evocando as memórias e narrativas de suas trajetórias de vida, contribuindo significativamente para a construção da autoimagem do grupo e construindo histórias que servem para legitimar suas lutas e celebrarmos suas vitórias.

São memórias que trafegam em fluxos inconstantes e incertos, mas que trazem consigo as lembranças refletidas a partir de contextos contínuos ou descontínuos de ambientes escolares ou culturais, onde idosos e nós observamos como os letramentos e as memórias marcam e demarcam nossas vidas. “A memória é este lugar de refúgio, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado [...]” (Pinto *apud* Brandão; Mercadante, 2009, p. 46).

Ao dar-me conta destas descrições, busquei investigá-las. No processo, passei a refletir sobre as memórias, as narrativas e histórias de letramentos descontínuos, bem como os idosos foram se constituindo como mulheres e homens questionadores, inquietos, produtores de saberes e conscientes de seus limites, conforme se apresenta logo a seguir nesse estudo.

## 2. METODOLOGIA

Para cumprir com os objetivos de ter acesso às memórias e narrativas de letramentos descontínuos de idosos, busquei conhecer as histórias de vida e, através delas, aproximar-me dos eventos e culturas locais de letramentos, descrevendo a metodologia que desenvolvi para realizar este trabalho. Utilizei-me da pesquisa de natureza qualitativo-etnográfica conjugada com a técnica da história oral e de vida. Selecionei oito idosos que conheci nessas minhas andanças e por meio de contatos em eventos culturais e de letramentos, sendo seis idosas e dois idosos, com os quais conversamos a partir de um roteiro de 29 perguntas semiestruturadas, sendo seis sobre a caracterização dos sujeitos e indagações acerca dos sentidos que suas memórias, narrativas e os eventos culturais e de letramentos assumem para eles. As demais perguntas, distribuídas sobre suas experiências de vida pessoal e escolar, profissional e papel na comunidade.

Elaborei um roteiro dessas perguntas a partir dos nossos encontros e perspectivas etnográficas, definindo quais materiais seriam utilizados e, conseqüentemente, quais seriam identificados e transcritos para nosso processo de construção e ressignificação das memórias de letramentos, assim como identificaríamos quais idosos (as) participariam da pesquisa, buscando

a melhor forma de chegar até eles (as), agendando dia, horário e melhor ambiente para as gravações de suas narrativas, as quais gerariam os dados da pesquisa.

Quanto à formulação das questões tive o cuidado para não elaborar perguntas absurdas, arbitrárias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. As perguntas foram feitas levando em conta a sequência do pensamento do pesquisado, ou seja, procurando dar continuidade na conversação, conduzindo a entrevista com certo sentido lógico para o entrevistado. Porque, como instrui Bourdieu (1999, p. 39), “Para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida. Para tanto o pesquisador pode muito bem ir suscitando a memória do pesquisado [...]”.

Sendo assim, as entrevistas semiestruturadas aqui apresentadas, combinaram perguntas abertas e fechadas, onde o informante teve a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Como pesquisador, segui um conjunto de questões previamente definidas, em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. Estive atento para dirigir, no momento que achei oportuno, a discussão para o assunto que nos interessava, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou que nos ajudaria a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tivesse “fugido” ao tema ou tivesse dificuldades com ele.

Desse modo, este tipo de entrevista colaborou muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinaram significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes tiveram, potencializaram questões inesperadas ao entrevistador que foi de grande utilidade em minha pesquisa.

Nas entrevistas semiestruturadas, tive a possibilidade da utilização de recursos visuais, como cartões, postais, fotografias, o que pode deixar o entrevistado mais à vontade e fazê-lo lembrar de fatos, o que não seria possível em um questionário, por exemplo (Selltiz *et al.*, 1987).

Durante estes momentos estive sempre pronto a enviar sinais de entendimento e de estímulo, com gestos, acenos de cabeça, olhares e sinais verbais como de agradecimento, de incentivo. Isto facilitou muito nossas trocas, nossas relações. Essas atitudes fizeram o pesquisado saber que o pesquisador estava atento, escutando a sua narrativa, procurando intervir o mínimo possível para não quebrar a sequência de pensamento do entrevistado. As entrevistas proporcionaram ao pesquisado bem-estar com a finalidade de poder falar sem constrangimentos de sua vida, acesso à escola e de seus problemas.

Enquanto as entrevistas aconteciam, estive alerta para que nossos entrevistados não pudessem tentar impor sua definição de situação de forma consciente ou inconsciente, visto que é possível que também eles tentassem passar uma imagem diferente deles mesmos. A presença do gravador, como instrumento de pesquisa, em alguns poderia ter causado inibição, constrangimento, mas isso não ocorreu.

Os cuidados acima mencionados são referentes a postura do idoso entrevistado, que involuntariamente poderia me informar suas narrativas de maneira fantasiosa, melhorando seu aspecto para simplesmente me responder satisfatoriamente. Alguns idosos se apresentavam tímidos, intranquilos e muitas vezes com algum tipo de incômodo, fazendo-me buscar por interpretações sobre estes fenômenos.

Além das preocupações e cuidados com as possíveis perguntas a serem feitas, houve a elaboração do roteiro de entrevista, o qual será apresentado de forma detalhada, a seguir. É importante lembrar que o objetivo era compreender como se deram os processos e eventos de letramentos descontínuos, leitura e escrita para cada um dos idosos, através de suas memórias e narrativas. Por isso, construí um roteiro de entrevista que envolvesse as inquietações, além de responderem as perguntas de pesquisa. Tendo isso em vista, ele foi organizado em cinco quadros.

Nesse primeiro quadro, os idosos foram convidados a conhecer quem era o pesquisador/entrevistador, apresentando-me; relatando de onde eu vinha, o que já havia feito naquela cidade, qual minha profissão, meu interesse em entrevistá-los e quais seriam as propostas de pesquisa caso eles aceitassem – tudo em comunicação oral, diante deles, além de responderem a algumas perguntas que os caracterizavam como sujeitos da pesquisa.

Esclareci que faria 29 perguntas, sendo algumas sobre a caracterização dos sujeitos e indagações acerca dos sentidos que a escrita, a leitura e o letramento assumem para eles e as demais perguntas, distribuídas sobre suas experiências de vida pessoal, profissional e papel na comunidade, deixando claro que, aquele roteiro de perguntas não era fixo, podendo variar, de acordo com o “bate-papo” que íamos tendo. Tudo de maneira bem livre e descontraído, podendo ser interrompido a qualquer momento, sob qualquer dúvida ou pergunta que ele (ela) tivesse durante esse percurso. Seguem, nos quadros abaixo, as perguntas por quadros:

**Quadro 1** – Caracterização dos sujeitos

- A/o Sra. (Sr.) nasceu aqui, em São Francisco do Conde; quantos anos; casada (o), solteira(o), viúva(o); tem filhos; netos; bisnetos; profissão; sua religião; estudou, até

qual série; participa(ou) de grupos de samba, terno de reis, grupos culturais; quais as atividades diárias que a/o Sra. (Sr.) mais gosta?

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

Buscamos no segundo quadro, descobrir as memórias de como eles (as) aprenderam a ler e a escrever, questionando sobre a importância desse processo, as dificuldades e se voltaram ou ainda vão à escola, solicitando que nos dissesse sobre essas experiências e quais benefícios ou prejuízos esses processos eram agora traduzidos em suas narrativas. Antes, porém, refletimos que as memórias são elementos fundamentais no processo de construção identitário, tanto as chamadas “memórias-hábitos”, exigência dos processos de socialização, quanto as “memórias-lembrança”, aquelas que trazem “[...] à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida [...]” (Bosi, 2004, p. 49). Para Bosi (2004), as “memórias-lembrança” são, para as pessoas idosas, as mais significativas. Para esta autora, as lembranças, para os sujeitos velhos, representam as substâncias de suas próprias vidas, no presente.

Diferentemente, para os adultos jovens, as lembranças representam um momento de fuga, arte, lazer, contemplação, certo distanciamento proposital – e até necessário, enquanto válvula de escape – da atividade cotidiana do presente (Bosi, 2004, p. 60).

Elenco, a seguir, no Quadro 2, as perguntas referentes ao aprendizado da leitura e da escrita:

**Quadro 2** – Aprender a ler e a escrever

- E na escola, como o/a Sr./Sra. aprendeu a ler e a escrever?
- Qual foi a importância de aprender?
- E as dificuldades em aprender, como foram?
- Ainda vai à escola? Como é lá na escola?

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

O terceiro quadro do roteiro de entrevista visava acessar as lembranças referentes aos prazeres de aprender a ler e/ou escrever, perguntando qual era o mais importante para eles, além de lançarmos a proposta de voltar à escola hoje, caso tivesse a oportunidade, o que fariam? Entre nossas perguntas estava uma sobre gênero e geracional, onde perguntávamos sobre o que eles achavam da mulher idosa aprender a ler e a escrever. Provocamos seu posicionamento diante de uma frase comum e popular, a fim de saber se estavam ou não de acordo com a frase. Queríamos também saber se eles tinham um projeto de vida, caso voltassem a estudar.

Ademais, foi um momento no qual os entrevistados expuseram seu posicionamento “político-ideológico” diante das provocações de aprendizagem. Abaixo, no Quadro 3, listo as perguntas do bloco 3:

**Quadro 3 – Importância e prazeres em ler e escrever**

- Hoje o/a Sr./Sra. voltaria à escola para estudar, caso tivesse oportunidade?
- Soube que em algumas escolas daqui de São Francisco estão oferecendo vagas para idosos voltar a estudar. O que a/o Sra./Sr. pensa sobre isso?
- Por favor, me diga aí, por que é importante aprender a ler e a escrever?
- É melhor ler ou escrever, por quê?
- Hoje o/a Sr./Sra. lê o que?
- Ainda escreve? Por quê?
- O que o/a Sr. (a) pensa sobre: “já viu papagaio velho aprender novas palavras?”.
- Para o/a Sr./Sra. é importante que as mulheres idosas e os homens idosos aprendam a ler e a escrever? Por quê?
- Quais seriam seus projetos de vida, caso voltasse a estudar?

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

O quarto quadro do roteiro de entrevista tratava das lembranças referentes ao “tempo passado” da história da escravidão (escravizados), as práticas culinárias, culturais e religiosas vividas, contadas ou sabidas em família e na comunidade de São Francisco do Conde, bem como perguntamos sobre o interesse da juventude por esse passado histórico e sobre o interesse pela leitura e escrita deles; como viam o futuro dos jovens e da cultura nesta cidade. Assim, queríamos saber em que medida essas memórias agora narradas, lembrava aspectos importantes para a valorização e ressignificação de seu legado cultural, educacional, histórico e religioso. Abaixo, no Quadro 4, elenco os questionamentos:

**Quadro 4 – Lembranças da cultura, história e religiosidade**

- A/o Sra. (Sr.) lembra da época dos escravos (escravizados); da população de São Francisco do Conde; das histórias do Capabode; Negro fujão; Meninos de lama; Lindroamor, Samba das pitangueiras?
- Se te chamarem para contar essas histórias, a/o Sra./Sr. iria? Como começaria a contar?
- E como são os festejos da Igreja Católica? Sabe alguma coisa sobre a Reza cantada?
- E o Candomblé, como é visto pela (o) senhora (Sr.)?
- E as Igrejas Evangélicas, têm muitas? O Sr./Sra. frequenta alguma delas?

- E sobre os mais jovens da cidade, como a/o Sra./Sr. vê o interesse deles pela leitura, escrita, religião e eventos culturais?
- O que mudou aqui na cidade de sua época para cá?
- O “Aponã”, a “moquequinha” são iguarias culinárias características daqui?! Pode me explicar um pouco?
- E as marisqueiras, como desenvolvem seus trabalhos? A Sra. o Sr. mariscou?
- Quais as histórias mais antigas que a Sra./o Sr. lembra, contadas aqui, pelos seus pais, parentes ou vizinhos que ficaram em sua memória?
- O que falta para que São Francisco do Conde seja um bom lugar para viver? Como o Sr./a Sra. vê o futuro aqui na cidade?

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

Por fim, no quinto e último quadro do roteiro de entrevista, pretendíamos saber como os idosos se sentiam, ao participar de alguma cerimônia religiosa, onde há eventos de letamentos, perguntando a eles, como era seu sentimento ao escutar alguém ler ou mesmo se fosse convidado a fazer uma leitura, já que mensagens Bíblicas são lidas e compartilhadas pela comunidade. Ademais, nós queríamos instigar os idosos a expor suas opiniões, os momentos que eles mais leem e quais seriam as contribuições que eles poderiam deixar para que sua cidade valorizasse mais a leitura, a escrita e as manifestações culturais. Listo, no Quadro 5, a seguir, as perguntas:

**Quadro 5** – Leitura nos espaços institucionais

- Nesses locais certamente tem algum tipo de leitura da Bíblia; cânticos; reza; avisos sobre novos encontros/reuniões. A/o Sra./Sr. participa lendo ou só escutando? Quando escuta, compreende bem o que foi lido? E quando lê se sente seguro (a), confiante?
- Quais são os momentos em que o/a Sr./Sra. mais lê?
- A/o Sra./Sr. se sente parte desse lugar, dessa cultura de São Francisco do Conde? De que maneira?
- Quais seriam suas contribuições para que a cidade de São Francisco do Conde valorize mais a leitura, a escrita e as manifestações culturais?

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

A partir do que foi apresentado, percebeu-se que este roteiro de entrevista, cuja divisão foi feita em 5 quadros, foi pensado a partir das perguntas de pesquisa, com o intuito de respondê-las. Nesse sentido, através das narrativas dos idosos, foi possível realizar inferências e asserções acerca das memórias, narrativas e letramentos descontínuos, da leitura e da escrita, em especial, no que diz respeito à formação identitária dos idosos e seus desdobramentos na sociedade Franciscana.

### **3. ANÁLISES DE ALGUMAS NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE LETRAMENTOS DESCONTÍNUOS**

As memórias e narrativas de letramentos descontínuos de idosos apresentadas neste estudo, giram em torno de um grupo geracional, perseguidores de sonhos e acessos a processos de aprendizagens que os colocam, na dimensão do reexistir diante de uma sociedade criada como ideal para todos, porém contraditória para nossos narradores, que rememorando e narrando elementos descontínuos de acesso à escola, dos inúmeros trabalhos na infância e de suas lutas diárias para constituírem-se letrados e visibilizados, denunciam e reexistem. As narrativas se passam na memória dos narradores, que fazem reflexões existenciais a partir dos encontros e desencontros perpassados por cada um deles. A beleza, a dor e a tristeza caminham de mãos dadas nessas narrativas não lineares, descrevendo relações interpessoais e tentativas de superação.

Um legado constituído, ao longo de um passado histórico que grupos de idosos, pouco valorizados socialmente, trazem com estes estudos, que revelam um conhecimento que está à margem da Academia, de espaços de letramentos formais, da sociedade que os invisibiliza.

Cada uma das narrativas apresentadas traz consigo suas próprias histórias singulares de lutas e conquistas diante das vicissitudes da vida. Umas se diferenciam das outras, mesmo fazendo parte de um coletivo, pois são histórias pessoais com particularidades, diferenças e caminhos traçados por cada um em suas próprias encruzilhadas e atravessamentos que se produziram ao caminhar.

As descrições aqui apresentadas darão conta dos dados encontrados, por meio de exemplos narrativos que foram analisados a partir de suas histórias e dos contextos das memórias das festas culturais da cidade, do trabalho, da vivência histórica e remanescente do município, dos processos de aprendizagem da leitura, escrita e formação identitária e sobre os eventos e práticas de letramentos descontínuos rememorados e compartilhados.

Os sujeitos deste estudo escolhidos apresentam o perfil de letramento: as mulheres e homens idosos têm contato diário com eventos de letramentos, mas declaram não saber como fazer uso da linguagem escrita, exceto três deles que sabem codificar e decodificar palavras, frases e textos. Eles demonstram um forte desejo de aprender a ler cartas, revistas, livros, jornais e textos do seu cotidiano. Em suas narrativas, observei que a maioria deles tiveram seus estudos interrompidos em consequência do trabalho na lavoura, em casa de famílias, em atividades informais, nas fazendas e na lida com a lavagem de roupa de ganho, mas três deles tiveram acesso ao letramento com determinada continuidade, apesar de terem experimentado algumas dessas atividades, quando crianças.

Em suas narrativas, constatei que eles tiveram seus estudos interrompidos em consequência das várias frentes de trabalho, sendo eles na lavoura, em casa “de brancos”, em atividades informais, nas fazendas e na lida da “lavagem com roupa de ganho”. Como relata o Sr. João<sup>3</sup>:

*Estudei até o primeiro ano. Gostava, mas minha mãe adoeceu, não passava a dor; sofreu muito e então não ficava boa; eu e meu pai só, e ele viajava. Depois viemos para São Francisco do Conde; não era nossa residência, mas vim morar aqui. Daí para cá fui logo trabalhar e não estudei mais. Assino o nome. Tenho problema nas vistas, só enxergo de um. Estou fazendo um tratamento, mas enxergo muito pouco para escrever e eu não posso encarar muito para ler.*

As narrativas acima apresentadas destacam as memórias de infância e estas estão marcadas pela pouca experiência escolar e o acesso ao letramento de maneira irregular; sinalizam, também, para vestígios de realidades sociais vividas na zona rural, incluindo a pouca ou ausência de escola, a distância entre a escola e a comunidade, o descompasso entre o trabalho e a escola, além das opções feitas como forma de subsistência, problemas de saúde e garantia do sustento. Também revelam que a escola não se constituía como prioridade para a família, pois o trabalho era valorizado como futuro seguro, apesar do ator social declarar que “gostava”.

O abandono da escola é dado em consequência do adoecimento da mãe, das dores que o participante sentia pela situação vivida, da mudança de residência e das necessidades de trabalhar ainda na infância para auxiliar no sustento da casa.

---

<sup>3</sup> Nomes fictícios para preservar suas verdadeiras identidades.

Os letramentos sem a escola ficam reservados aos cuidados daquelas pessoas que se dispuseram a ministrar saberes a partir das fazendas de cana de açúcar e café, mesmo sem a formação adequada; nos terreiros de candomblé em um projeto de alfabetização; nos inúmeros encontros na associação de moradores, quando pautas são discutidas entre eles; nas reuniões para definir os eventos religiosos e culturais e nos ensaios dos eventos culturais celebrados, além das atividades de artesanato e resgate da identidade ancestral em um dos muitos projetos desenvolvidos como forma de letramento para o idoso.

O distanciamento da escola retrata a necessidade de uma família, em que as crianças começam a trabalhar muito cedo para colaborar com a rotina diária, obrigando os mais jovens a se tornarem adultos mais cedo, afastando-os de sua infância. Por muito tempo essa era a tônica em torno da história. Mas, houve uma época em que as crianças não podiam trabalhar, apenas os adultos, excluindo-se os idosos, que, contraditoriamente, hoje, necessitam trabalhar para ajudar no sustento da família, ou porque sua aposentadoria não é suficiente para suas necessidades pessoais com higiene e medicamentos, bem como no sustento dos que com eles convivem.

Dessa forma, o livro *Educação e velhice*, de Peres (2013, p. 95) esclarece que:

O trabalho da criança, por exemplo, considerado normal por milênios, torna-se proibido com o advento da sociedade industrial e do conjunto de estatutos e direitos que a acompanha. O trabalho do adulto, por sua vez, passa a ser regra, sendo esta fase considerada como o “auge” da vida produtiva. O trabalho do idoso, por fim, torna-se uma exceção, um “acidente de percurso”, digamos, pois, a aposentadoria seria o ritual de saída do mercado de trabalho, o momento de “retirar-se” da vida produtiva para uma vida de descanso.

A escola constitui-se, assim, uma lacuna na memória de infância desses idosos, fato que representa, talvez, distanciamento de um lugar para outro, bem diferente do esperado nos tempos de infância. Esses idosos tiveram uma infância deslocada da escola para o trabalho rural; crianças tornadas adultas, em um desacerto entre o tempo psicobiológico e o social. Realidade ainda presente na infância moderna, tanto no espaço rural, quanto no urbano.

As repercussões dessa ‘violência’, talvez, sejam mais graves para as crianças de agora do que para os idosos de São Francisco do Conde, porque estes conseguiram chegar à velhice, construindo uma vida digna e respeitável graças aos papéis sociais assumidos na comunidade e o fortalecimento dos laços afetivos e consanguíneos. A violência a qual nos referimos para as crianças de hoje, que pouco provavelmente alcancem a velhice, estão

baseadas nas soluções que a contemporaneidade oferece como recurso de sobrevivência, impedindo que os mesmos vissem sua infância e possam deixar suas marcas de dignidade e sabedoria para as próximas gerações.

Como afirma Vóvio (2009, p. 67): “Para além da pobreza e da insuficiência de renda, a exclusão social também se manifesta de outras formas. O analfabetismo ou a impossibilidade de educar-se ou manter-se em processos educativos são também manifestações da exclusão social [...]”. De acordo com pesquisas, supõe-se que “[...] mundialmente exista 1,6 bilhão de pessoas pobres, sendo mais da metade analfabetas.” (Pochmann *et al.*, 2004, p. 48).

A exclusão, o fracasso e o abandono escolar têm sido fatores de extrema gravidade para a criança, para o adolescente e para o jovem. “O fato de o indivíduo não ter acesso à escola significa um impedimento de apropriação do saber sistematizado, de instrumentos de atuação no meio social e de condições para a construção de novos conhecimentos.” (Rego, 2003, p. 16). No entanto, ainda assim, persiste o desejo dos idosos em aprender a ler e a escrever, a fim de se integrarem às diversas práticas de letramentos sociais. Eles entendem que o tempo que ficaram na escola não foi suficiente para aprender “muita coisa” ou “quase nada” como ele conta em sua narrativa. Sua potência está na restrição em pensar que somente o acesso à leitura e à escrita, através da escola formal poderia lhe dar a devida formação, ignorando seus próprios saberes construídos em outros espaços de letramentos.

*Plantava banana, mandioca... Era um trabalho pesado. Trabalho em roça é pesado, sempre foi. Estudei até o primeiro ano. Não aprendi muita coisa, não; quase nada. O meu negócio era mesmo lidar com a roça; trabalhar na usina, na casa de cana de açúcar [...]*

Lamentações que se apresentam em não ter tido oportunidade de aprender mais coisas, talvez para poder compreender melhor o mundo do letramento, onde a necessidade de começar a trabalhar cedo, e de maneira pesada, o fez estar distante desses conhecimentos, restando-lhe o trabalho duro e pesado. Talvez pudesse ter um futuro diferente, caso tivesse concluído seus estudos.

O participante não compreende que é possível aprender a partir de outros espaços e por diferentes meios de aprendizagens. Acredita ser a escola a única responsável por formar o cidadão e dar-lhe o acesso à leitura e à escrita. Ignora, talvez, os inúmeros encontros com os letramentos e as construções de saberes e aprendizados fora da escola e tão comuns ao seu cotidiano, a exemplo de suas próprias trajetórias de trabalho.

Em outra medida, mas não distante do Sr. João, D. Zefa revela suas memórias, fazendo-nos recordar de um Brasil, onde a realidade sociocultural entre a mulher e o homem idoso rural ou urbano, ainda é de trabalho. Nessas comunidades, mulheres e homens sempre trabalharam. A infância foi fortemente marcada pelo trabalho infantil. Desde a infância, mesmo antes de se descobrirem mulheres, já exerciam atividades domésticas e labutavam na lavoura, ajudando os pais ou em casa, auxiliando nos afazeres da família e/ou sendo babá dos irmãos mais novos. E os garotos, antes mesmo de se descobrirem homens, lidavam com a roça; com a pesca; com os trabalhos braçais para ajudar no sustento da casa.

As memórias dessa participante vão nos ajudando a entender como foi sua relação com a infância, com a escola e com o trabalho:

*Nunca tive filhos. Mas criei muitos filhos dos outros. Estudei até a 5ª. série; tive sete irmãos, sendo dois rapazes, eu e mais quatro irmãs de mulheres. Todos já falecidos, apenas eu “para contar história”. Fui mulher trabalhadeira, que ganhava a vida como doméstica, mas também “lavava de ganho”, cozinhava como ninguém; “as crianças de hoje não querem mais estudar; a juventude não quer aprender, não dão valor; tudo é esculhambado... eu carregava lenha para cozinhar; hoje eles não querem nada. Hoje, quando o gás acaba, eles dizem — o gás acabou, chama o gás aí; por que não volta o passado?! Lembro de meus irmãos, estudando na Escola Agrícola. — “meus irmãos estudaram nessa escola. Foram para Maceió; entraram para a Marinha, Petrobrás; faziam farinha, plantavam arroz, laranjal e ficavam em regime de internato; aprendiam de tudo; cada um tinha que cumprir com suas obrigações; lá tinha as enfermarias — eles curavam de tudo; era um lugar grande, 365 janelas, eu acho!*

Essas falas marcam suas memórias de infância, ao refletir sobre seus percursos de sobrevivência; da luta diária para aprender as coisas da vida; dos modelos de vida, nos modos de ser das famílias. Ela assumiu grandes responsabilidades desde cedo, tendo que cuidar dos afazeres domésticos e da criação dos irmãos. Esses serviços de “babá e doméstica” a retiraram da oportunidade de frequentar a escola regularmente e tornar-se independente, como relata com empolgação o sucesso de seus irmãos por terem tido acesso à escola regularmente.

Os cuidados reservados à criança, à mulher e ao idoso sempre foram relegados pela família, pela sociedade e pelo poder público, deixando-os à margem. A educação escolar teria papel central na formação/qualificação dos indivíduos para o trabalho. Por esse motivo é que o processo educativo formal tem seu início na infância e sua conclusão na idade adulta, porque segundo Peres (2013, p. 95), “[...] a função da escola é a de preparar para o trabalho [...]”. É por isso que ainda não se criou nenhum sistema educativo formal que incluísse a velhice como

destinatária de políticas educacionais, visto que educar idosos não interessa a uma sociedade, cujo pilar é o sistema produtivo, onde não há lugar para aqueles que envelhecem.

Para as meninas e meninos, crianças de ontem e mulheres e homens idosos de hoje, não foi concebida uma infância com oportunidade de vivenciar experiências educacionais propícias para essa etapa da vida, elaborando conhecimentos e aprendizagens capazes de nortear um futuro melhor. Na contramão, esses idosos, como muitos outros provenientes das nossas classes populares, viveram a infância como pequenos adultos, assumindo responsabilidades totalmente inadequadas à faixa etária. São existentes e resistentes ao sistema capitalista que os projeta a cada dia para uma luta desigual de sobrevivência.

As aprendizagens reportadas nas narrativas demonstram os ensinamentos apreendidos em sua trajetória de vida. Cada idoso apresenta saberes assimilados, os quais dão sentido à existência. As memórias revividas nos espaços de fala trazem à tona os sentidos das aprendizagens e as reflexões destes, como possibilidades remotas de ressignificar seus processos de aprendizagens anteriormente negados pela “infância roubada”.

Ao narrarmos nossa vida, nos reinventamos em nosso fazer, em nossas memórias, reflexões e aprendizagens. Tudo isso está impregnado em nosso corpo. Ele é “[...] o lugar primeiro, o lugar-fundamento do habitar [...]” (Delory-Momberger, 2012, p. 71). Ele é parte integrante e constitutiva da narrativa vivida por cada um. Assim, cada um de nós habita no corpo, que é o nosso lugar no espaço onde vivemos; nele, aprendemos a desenvolver maneiras de serem demonstrados por gostos, gestos, hábitos, estilos, apreciações etc.

As atividades desempenhadas pela mulher idosa que nos brindou com suas memórias trazem, no seu repertório, densos significados sociais, culturais, de força e poder. Desse modo, as práticas sociais e culturais de mulheres como elas podem ser a partir delas mesmas, independentes, empoderadas e líderes. Seus poderes são invisíveis para os homens, porém, quando se faz necessário, elas exercem a liderança na família, atribuindo responsabilidades a quem é de direito, em associações comunitárias, festas e reuniões da igreja. Responsabilidades atribuídas que transparecem em seu discurso: *Eu criava, mas não ia à reunião do Colégio, porque para mim a mãe tinha que ir; não batizei nenhum deles, porque já sou tia!*

A consciência de nossa participante em atribuir lugar de fala a quem deve ter como responsabilidade o acompanhamento dos estudos de seus filhos na escola, visto que a educação doméstica e familiar, ela, enquanto mulher já o fazia. O fato de não ir ao colégio, significava cobrar do “outro” seu envolvimento na formação e educação de quem pôs no mundo alguém

que necessitava de cuidados não somente afetivos, mas educacionais para formarem-se sujeitos integrais em sociedade.

Portanto, observei e analisei que os idosos aqui representados se apropriaram de estratégias particulares para construir e usar suas práticas de letramentos no cotidiano, mesmo quando foram convocados e ao mesmo tempo excluídos pela escola, pela educação formal contínua ou por outros espaços de letramentos. Eles negam a condição de letrados por acreditar que esses seriam os que detêm os domínios da leitura e da escrita, podendo transitar por todos os espaços de fala. No entanto, desenvolveram formas para imprimir os *habitus*<sup>4</sup> cotidianos e interagem com práticas sociais de letramentos em suas rotinas diárias. Imprimem o respeito e reconhecimento do papel social que cada um deles exerce, em suas comunidades, mas que a partir de agora, também representam para a academia e sociedade civil, ampliação de novas discussões sobre memórias, idosos, questões sociais e letramentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado final deste artigo reflete os processos de encontros, descobertas e vivências múltiplas em espaços e eventos de letramentos entre narradores e escritor, que a partir de suas experiências pessoais e coletivas, narram suas memórias, lembrando como foram difíceis os dias da infância, quando deveriam estar na escola, aprendendo a ler e a escrever, estavam na lida do trabalho subalternizado das cozinhas, da lavoura, na mariscaria, entre outras funções que os distanciaram dos letramentos contínuos. Alguns desses idosos conseguiram ressignificar essas trajetórias, buscando, ao longo de sua jornada, retomar o “tempo perdido”, outros seguiram acalentando o desejo de retomar os estudos que os tornaria “letrados”.

Os desejos de fazer uso da leitura e da escrita nos espaços sociais eram solicitações presentes em suas memórias, impulsionando-os a viver sob as possibilidades e chances de retornar à escola, mesmo que para alguns dos idosos, essas fossem possibilidades distantes, visto que seus problemas de saúde ou a falta de “mente”, não os permitiriam realizar tais desejos. Coube a muitos deles, projetar seus sonhos e apostar na formação e profissionalização

---

<sup>4</sup> Bourdieu (2003) define *habitus* como disposições, estilos de vida, maneiras e gostos incorporados e campo como um espaço social que possui estrutura própria e, relativamente, autônoma em relação a outros espaços sociais, que tem uma lógica própria de funcionamento, estratificação e princípios que regulam as relações.

dos filhos e netos. Esses movimentos não os compensavam, mas trazia alegria de ter em família o alcance dos sonhos realizados.

São vozes presentes em memórias e narrativas que perpassam pelos letramentos social, cultural e ideológico, pois, nas memórias e histórias relatadas, os colaboradores atribuem valores e significados à escrita e à leitura como práticas sociais discursivas. Narrativas produzidas e relacionadas às categorias sociais, econômicas, políticas e culturais.

Assim, as memórias e as narrativas de letramentos descontínuos de idosos, representam um conjunto de vozes que ecoam em nosso presente como reflexo de um passado que não se cansa em ser representado como histórias de vida e batalhas incansáveis construídas ao longo de caminhos e letramentos diversos para ser um idoso letrado. Os produtores das narrativas são sujeitos que desejam tão somente sentir-se parte de uma comunidade que lê, escreve e vê a vida a partir de uma lógica letrada, mas que não ignoram os múltiplos saberes construídos e consolidados que demarcam nossa sociedade, revelando vozes, antes silenciadas, e que agora se apresentam como participantes legítimos desses mesmos espaços e lugares de fala.

## REFERÊNCIAS

BARTON, David; HAMILTON, Mary. Práticas de letramento. *In*: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (org.). **Situated literacies**. Trad. Glícia Azevedo Tinoco. London: Routledge, 1993.

BARTON, David. **Literacy**: An introduction to the ecology of written language. Oxford, UK; Cambridge, USA: Blackwell, 1994.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

CAMPEDELLI, Mônica Anechini. **A identidade do velho no mundo contemporâneo**. 2009. 237 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. *In*: CODO, W.; LANE, S. T. M (org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2011. p. 58-75.

COLE, Peter (editor). 1981. **Pragmática radical**. Nova York: Academic.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Ensaio sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Trad. Carlos Galvão Braga, Maria da Conceição Passeggi, Nelson Patriota. Natal, RN: EDUFRRN, 2012.

GEE, J. P. **Social Linguistics and literacies: ideology in discourses**. 2. ed. Baskerville, UK: Taylor & Francis, 2000. (Publicado anteriormente entre 1990/1996).

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In*: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

GRAFF, H. J. **The literacy myth: Cultural integration and social structure in the 19th century**. USA: Transaction Publishers, 1991.

GREEN, P. Critical literacy revisited. *In*: FEHRING, H.; GREEN, P. (ed.). **Critical Literacy: a collection of articles from the Australian Literacy Educators' Association**. Canada: International Reading Association & Australian Literacy Educators' Association, 2001.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2016.

HAMILTON, M.; BARTON, D; ROZ, I. (ed.). **Worlds of literacy**. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 1996.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

LUKE, A. Genres of power? Literacy education and the production of capital. *In*: HASAN, R.; WILLIAMS, G. (ed.). **Literacy in society**. New York: Longman, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. *In*: SIGNORINI, Inês (org.). **Investigando o oral e o escrito e as teorias de letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

MCKAY, S. L. **Agendas for second language literacy**. New York: Cambridge University Press, 1993.

MCKAY, S. L. Literacy and Literacies. *In*: MCKAY, S. L.; HORNBERGER, N. H. (ed.). **Sociolinguistics and language teaching**. Cambridge University Press, 2001.

PARAQUETT, Marcia. **Multiculturalismo, interculturalismo e ensino/aprendizagem de espanhol para brasileiros**. Brasília, DF: [s.n.], 2010. (Coleção Explorando o Ensino; 16).

PERES, Marcos Augusto de Castro. **Analfabetismo entre idosos no semiárido nordestino**. Salvador: EDUNEB, 2013.

PINTO, M. A infância como construção social. *In*: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2009. p. 42-73.

POCHMANN, M. *et al.* **Atlas da exclusão**: a exclusão do mundo. v. 4. São Paulo: Cortez, 2004.

REGO, Teresa Cristina. **Memórias de escola**: cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ROJO, Roxane H. R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004.

ROJO, Roxane H. R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? *In*: SIGNORINI, I. (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas-SP: Mercado de Letras, p. 51-74, 2001.

ROSALDO, R.Z. **Ilongot Headhunting 1883-1974**: a study in society and history. California, Stanford: Stanford University Press, p. 20-29, 1980.

SCRIBNER, S.; COLE, M. **The Psychology of Literacy**. London: Harvard University Press, 1981.

SELLTIZ, Claire *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2. ed. São Paulo: EPU, 1987.

STREET, Vincent Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, Vincent Brian. **Literacy in theory and practice**. New York: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Vincent Brian. **Social Literacies**: Critical approaches to literacy in development, ethnography and education. New York: Longman, 1995.

VÓVIO, Cláudia Lemos. Práticas de leitura na EJA: do que estamos falando e o que estamos aprendendo. **REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 1, p. 85-96, ago. 2007.

### **Jeferson Mundim de SOUZA**

Doutor em Língua e Cultura da área II de Linguagem e interação, da linha da Linguística Aplicada, do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Participa do Núcleo de Estudos de Linguagens e Tecnologias. É professor da Educação Básica privada e Professor Formador UNEAD/UAB/UNEB.